

esta terra | sua terra

Marcelo Campos

Esta terra. Sua terra. O jogo entre o pronome demonstrativo (esta) e o pronome possessivo (sua) nos oferece um caminho inicial para pensarmos o modo como o trabalho de Ines Linke e Louise Ganz lida com as relações entre colonialismo e pós-colonialismo; política e afeto; propriedade privada e espaço público; natureza e intervenção humana. A quem pertence uma paisagem? Até onde se pode intervir na natureza? Toda paisagem, nos informa Lévi-Strauss, é uma imensa desordem, nós é que lhe damos sentido, recortamos, editamos para colocá-la em uso. Porém, colocar em uso, nos âmbitos sociais, deflagra e demarca as históricas e coloniais contradições entre classes sociais, etnias, donatários.

As artistas, a partir do exposto, partem de seus locais de moradia, Minas Gerais e Bahia, para uma expedição, resolvendo ativar o sentido da paisagem em explorações. O censo, o mapa, o museu, nos dirá Benedict Anderson, são categorias da conquista colonialista. Ines e Louise, então, exteriorizando a experiência da expedição, criam cartões postais, evidenciando-se o que poderia ser contemplado, mas, de outro modo, oferecendo-nos polissemas ao que denominamos natural, rural, agrícola. Somente neste recorte, e não existirá paisagem sem recorte, as contradições sobrevivem. Para que servem os cartões postais? Uma prática logicamente fetichista, acompanhada pelo advento da fotografia que servira para a ciência e para a frivolidade, mas que num momento onde o positivismo desejava dividir homem e natureza como campos de exotismo e fetiche, configurou o âmago dos preconceitos puristas. Para que levar um pedaço do lugar? O que fotografar? O que destacar? Como construir, a partir do cotidiano, adventos memoráveis?

Sabemos que os cartões postais, um tipo de comunicação, surgem como apropriação do mundo em escala diminuída e neles figuravam não somente as paisagens, mas as edificações, o exotismo das etnias (o negro, o indígena), as relações sociais entre amas de leite e os filhos de seus patrões. Cartão postal e propriedade configuram, então, ligações que extrapolam a simples condição de posse. Podemos mesmo dizer que, no cartão postal, se exerce a parte que nos falta, a parte maldita, a inveja do pedaço de corpo que está inacessível, no outro, na natureza, nos monumentos. Seguindo os termos de Bataille, sabemos que cartões postais misturam capitalismo e desejo de posse, vontade de ter e cegueira para conquistar. Expõe-se, ali, o irracional das práticas museológicas, aquelas que entendiam o museu como um baú de curiosidades, onde os objetos provinham, muitas vezes, de roubos, dizimações, expedições sanguinárias, desde um diminuto adorno corporal às partes saqueadas das pirâmides do Egito.

Ines Linke e Louise Ganz enveredam, assim, por distintas práticas de observação, registro, coleta de dados e proposições ficcionais. Observamos, em vídeos, as arquiteturas coloniais e a natureza, nos fazendo refletir sobre normas patrimoniais e a ganância de empreendimentos capitalistas, os domínios privados que não se contentam em deixar a natureza ocupar o espaço que antes de ser público era intransponível.

Mas, como atualizar tais discussões? O que fazer diante do vazio das cidades, dos terrenos baldios, dos locais não ocupados? Como explicar a existência desses lugares e a proliferação dos sem teto, dos que vivem nas sarjetas? Devemos destacar que os vazios já são potencialmente ocupados pelos degradados, pelos bestializados, pelos não previstos no “bota abaixo” das maquiagens gentrificadas das cidades. Ou, de outro modo, os vazios se transformam, no Brasil, em espaços de encontros, festas, comemorações, como as lajes, as esquinas, as calçadas suburbanas.

Para tangenciar tal discussão, as artistas criaram um projeto com convites nominais, escolhendo presidentes de empresas privadas, políticos, artistas, e propuseram a organização de um encontro em torno de uma mesa para discussão do destino de um terreno no interior do Brasil. Ali, onde o vazio pode se configurar como mácula, ferida aberta na sociabilidade contemporânea, mas, também, como vir-a-ser. Resta-nos aguardar o retorno, auditar as opiniões e quereres individuais e individualistas.

Com estas ativações propostas por Ines Linke e Louise Ganz percebemos, antes de tudo, a potência da ambiguidade, entendendo que a arte reelabora práticas que antes poderíamos considerar colonialistas, mas que, hoje, assumem responsabilidades diversas na agenda dos programas governamentais, nos planos urbanísticos e patrimoniais. De tudo uma questão retornará como um eco, um trauma, uma azia:

- A quem pertence esta terra?